



Ana Petra Cerveira Santos

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DESENVOLVIDO NO COLÉGIO SALESIANO DE MOGOFORES JUNTO DA TURMA B DO 7º ANO NO ANO LETIVO DE 2014/2015

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra,
com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Junho, 2015



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ANA PETRA CERVEIRA SANTOS

Nº 210126205

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO DESENVOLVIDO NO COLÉGIO
SALESIANO DE MOGOFORES JUNTO DA TURMA B DO 7º ANO
NO ANO LETIVO DE 2014/2015**

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e

Orientador: Mestre Pedro Fonseca

COIMBRA

2015

Esta obra deve ser citada como: Santos, A. (2015). *Relatório de Estágio desenvolvido no Colégio Salesiano de Mogofores junto da turma B do 7º Ano no ano letivo de 2014/2015*. Relatório Final de Estágio. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE DO DOCUMENTO

Ana Petra Cerveira Santos, aluna nº 2010126205 do MEEFEBS da FCDEF-UC, vem declarar por sua honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da sua autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto do art. 30.º do Regulamento Pedagógico da FCDEF (versão de 10 de Março de 2009).

Coimbra, 16 de junho de 2015

(Ana Petra Santos)

AGRADECIMENTOS

A conclusão do presente ciclo de estudos não teria sido possível sem o contributo de um conjunto de pessoas às quais gostaria de prestar os meus sinceros agradecimentos.

Aos meus pais, Sérgio e Cristina Santos, pelos valores e princípios que me instruíram, pelo apoio incondicional, por acreditarem nas minhas capacidades e pelos esforços feitos para que atingisse os meus objetivos.

Aos meus irmãos, João e António Santos, por serem os meus pilares e por me ensinarem a nunca desistir, mesmo quando o caminho parece difícil.

Aos meus avós, tios e primos, pelo carinho e pela preocupação constante.

A todos os meus amigos e amigas que sempre estiveram do meu lado, acompanhando e apoiando-me na concretização dos meus sonhos.

Aos meus colegas de Estágio, João Gonçalves e Miguel Veloso, pela amizade, companheirismo e partilha de experiências nesta etapa tão inesquecível da minha vida.

A toda a comunidade escolar do Colégio Salesiano de Mogofores, por me voltarem a abrir as portas com carinho, desta vez como docente deste estabelecimento de ensino.

De modo especial, ao professor Diogo Simões, pelos valores transmitidos, pela partilha de experiências, pela dedicação e pela orientação constante no meu processo de intervenção pedagógica.

À professora Catarina Coimbra pela disponibilidade e pela orientação no processo de assessoria à direção de turma.

Ao professor Pedro Fonseca, pela orientação pedagógica responsável, pelas competências inculcadas e pelo lançamento de questões e novos desafios que me permitiram crescer como docente.

Por último, mas não menos importante, aos alunos do 7ºB do Colégio Salesiano de Mogofores, a minha primeira turma, pelos momentos vividos dentro e fora da sala de aula, pelas aprendizagens trocadas e pela cumplicidade, deixando um pedaço de cada um comigo.

RESUMO

A elaboração deste documento surge no âmbito das unidades curriculares de Estágio Pedagógico e Relatório de Estágio, inseridas nos 3º e 4º semestres do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. O presente relatório foi desenvolvido no Colégio Salesiano de Mogofores (CSM), junto da turma do 7º ano, do Ensino Básico. Neste documento é realizada uma reflexão sobre os conhecimentos adquiridos, as experiências vivenciadas e o trabalho desenvolvido ao longo do ano letivo 2014/2015. Desta forma, este documento apresenta quatro fases distintas: *i)* o enquadramento biográfico; *ii)* a contextualização da prática desenvolvida; *iii)* a análise reflexiva da prática pedagógica; *iv)* e o aprofundamento do Tema-Problema. Na primeira fase, são abordados os aspetos referentes à professora estagiária, nomeadamente a sua identificação pessoal e as suas expectativas iniciais. Na segunda fase, é identificada a realidade escolar que a professora estagiária encontrou, caracterizando-se, assim, o estabelecimento de ensino e a turma a executar o processo de lecionação e intervenção docente. No que concerne à terceira fase, é realizada uma análise reflexiva sobre as atividades do processo de ensino-aprendizagem e a atitude ético-profissional, justificando todas as opções tomadas no decorrer do percurso. Por último, a quarta fase é constituída pelo aprofundamento do Tema-Problema realizado, sendo este: “A Retenção do *Feedback* Pedagógico no Ensino da Educação Física”. Em suma, este relatório pretende enfatizar a importância do Estágio Pedagógico através da exposição crítica e reflexiva das competências pedagógicas mobilizadas.

Palavras-Chave: Estágio Pedagógico; Prática Pedagógica; Análise Reflexiva; *Feedback* Pedagógico; Educação Física.

ABSTRACT

The preparation of this document comes in the context of the curricular units of the Pedagogical Training and Training Report, inserted in the 3rd and 4th semesters of the Master Degree in Teaching Physical Education for Elementary and High School of Faculty of Sport Sciences and Physical Education, University of Coimbra. This report was developed at the Colégio Salesiano de Mogofores (CSM), with the class of the 7th year of Elementary School. In this document was made a reflection about the knowledge gained, the experiences lived and the work developed during the academic year 2014/2015. Therefore, this paper presents four distinct phases: *i)* the biographical guideline; *ii)* the contextualization of the developed practice; *iii)* the reflective analysis of pedagogical practice; *iv)* and the serious study of the Theme-Problem. In the first phase, were approached the aspects related to the trainee teacher, including their personal identification and their initial expectations. In the second phase, the school reality that the trainee teacher found was reported characterizing, therefore, the school and the class taught, the process of teaching and intervention. Regarding the third stage was performed a reflective analysis of the activities of the teaching-learning process in addition to the ethical and professional attitude, justifying all the choices made in the course route. Finally, the fourth phase consists on deepening conducted Fear problem, which is: "Retention of Feedback Teaching in Teaching Physical Education". In short, this report aims to emphasize the importance of Teacher Training through critical and reflective display of mobilized teaching skills.

Keywords: Teacher Training; Teaching Practice; Reflective Analysis; Pedagogical Feedback; Physical Education.

LISTA DE ABREVIATURAS

CSM – Colégio Salesiano de Mogofores

EF – Educação Física

EP – Estágio Pedagógico

FCDEF-UC – Faculdade de Ciências do Deporto e Educação Física da Universidade de Coimbra

MEEFEBS – Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

PNEF – Programa Nacional de Educação Física

UD – Unidade(s) Didática(s)

JDC – Jogos Desportivos Coletivos

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 1. ENQUADRAMENTO BIOGRÁFICO | 11 |
| 1.1. IDENTIFICAÇÃO PESSOAL | 11 |
| 1.2. EXPECTATIVAS INICIAIS..... | 11 |
| 2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA | 13 |
| 2.1. CARATERIZAÇÃO DO ESTABELECIMENTO DE ENSINO..... | 13 |
| 2.2. CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO DE EDUCAÇÃO FÍSICA | 14 |
| 2.3. CARATERIZAÇÃO DA TURMA – 7ºB..... | 15 |
| 3. ANÁLISE REFLEXIVA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA..... | 16 |
| 3.1. ATIVIDADES DE ENSINO APRENDIZAGEM..... | 16 |
| 3.1.1. PLANEAMENTO | 16 |
| 3.1.2. REALIZAÇÃO..... | 22 |
| 3.1.3. AVALIAÇÃO | 25 |
| 3.2. ATITUDE ÉTICO- PROFISSIONAL..... | 28 |
| 4. APROFUNDAMENTO DO TEMA-PROBLEMA: “A RETENÇÃO DO FEEDBACK PEDAGÓGICO NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA” | 30 |
| 4.1. INTRODUÇÃO | 30 |
| 4.2. PERTINÊNCIA DO ESTUDO..... | 30 |
| 4.3. OBJETIVO DO ESTUDO | 31 |
| 4.4. METODOLOGIA | 31 |
| 4.4.1. AMOSTRA..... | 31 |
| 4.4.2. PROCEDIMENTOS..... | 31 |
| 4.5. RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 32 |
| 4.5.1. Nível de Retenção Quanto ao Objetivo do <i>Feedback</i> | 32 |
| 4.5.2. Nível de Retenção Quanto à Forma do <i>Feedback</i> | 33 |
| 4.5.3. Nível de Retenção nas Modalidades Individual e Coletiva..... | 34 |

| | |
|--|----|
| 4.6. LIMITAÇÕES DO ESTUDO E RECOMENDAÇÕES..... | 35 |
| 4.7. CONCLUSÕES | 35 |
| CONCLUSÃO..... | 37 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 38 |
| ANEXOS..... | 40 |

INTRODUÇÃO

No âmbito do 2º ano do Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, foi realizado o Estágio Pedagógico no Colégio Salesiano de Mogofores, acompanhando a turma do 7ºB, com a orientação do Prof. Diogo Simões e com a supervisão do Prof. Pedro Fonseca. O presente documento surge como relatório final deste estágio, apresentando uma exposição crítica e reflexiva das experiências vividas e das aprendizagens adquiridas durante o processo de intervenção pedagógica.

“O estágio de ensino no meio escolar é o verdadeiro momento de convergência, por vezes de confrontação, entre a formação teórica e o mundo real do ensino.” (Piéron, 1996)

O Estágio Pedagógico é o momento pelo qual todos os mestrandos anseiam, pois é nele que podem atuar e executar, com profissionalismo, o papel de professor, com base nos conhecimentos teóricos adquiridos na formação académica. Contudo, ser Professor é muito mais do que aplicar as teorias, é preciso saber ensinar e aprender ensinado, transmitindo o conhecimento com entusiasmo e motivação, perceber o que o aluno está a sentir, as suas qualidades e fragilidades e saber conciliar o papel de docente e de amigo.

O presente relatório tem como objetivo a realização de um balanço de todos os momentos vividos durante o período do Estágio Pedagógico. Assim, neste relatório iremos expor todas as competências pedagógicas mobilizadas durante o processo de intervenção docente, analisando-as criticamente e refletindo sobre todas as decisões tomadas.

Não obstante, foi-nos sugerido a realização de um estudo sobre um tema relacionado com o *Feedback* Pedagógico e/ou os Estilos de Ensino utilizados na leção da disciplina de Educação Física. Neste sentido, optei por realizar uma análise sobre a retenção do *Feedback* Pedagógico nas aulas de Educação Física.

1. ENQUADRAMENTO BIOGRÁFICO

1.1. IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

Desde criança que vivi rodeada de um ambiente de prática desportiva. Para além de ter um familiar cujo trabalho se distinguiu no ensino da EF e nas Ciências do Desporto, o meu seio familiar é constituído por atletas, ex-atletas e treinadores de Basquetebol. Deste modo, o desporto invadiu a minha vida desde cedo, aos 5 anos de idade, com o primeiro contacto com esta modalidade, sendo atleta federada até então.

Para além disso, sempre fui uma apaixonada pela atividade física, o que facilitou a seleção dos meus objetivos e metas a atingir a nível académico e profissional. Assim, após concluir o Ensino Secundário no Curso de Ciências e Tecnologias, decidi concorrer, sem qualquer hesitação, ao Curso de Ciências do Desporto na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, da Universidade de Coimbra.

Atualmente Licenciada em Ciências do Desporto, frequento no presente ano letivo o Estágio Pedagógico, inserido no Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da FCDEF-UC, no Colégio Salesiano de Mogofores.

1.2. EXPECTATIVAS INICIAIS

De acordo com o Decreto-Lei 240/2001, para além de todas as aprendizagens curriculares, um professor é, acima de tudo, um educador, pelo que deve presar o ensino, recorrendo ao seu saber próprio, mas não descurando a necessidade de se instruir continuamente. A docência não se limita à troca de saberes, há valores tão importantes que devem ser tidos em conta, como o desenvolvimento da autonomia, o respeito e solidariedade, promoção e desenvolvimento da comunicação e tudo o que engloba a formação correta de novos cidadãos.

Ser professora de Educação Física sempre foi o meu maior sonho. Saber que me encontrava às portas do meu estágio pedagógico e que, finalmente poderia ter a oportunidade de executar esse papel, deixou-me, desde logo, com grande ânimo, motivação e, ao mesmo tempo, ansiedade.

Para mim, este estágio pedagógico iniciou-se com o momento da escolha da escola. Esta escolha tornou-se bastante simples, pois sabia desde o começo que gostaria

ser docente no Colégio Salesiano de Mogofores, visto ter sido antiga aluna na escola e ter uma ligação emocional com a mesma. Para além de partilhar os mesmos princípios que nela são ensinados, o ambiente familiar da escola cativou-me imenso para esta experiência.

Posteriormente, conheci a lista dos núcleos de estágio, onde soube que colegas iriam partilhar esta oportunidade comigo. Assim, deparei-me com dois colegas rapazes no grupo, o João Gonçalves e o Miguel Veloso. Apesar de nunca nos termos cruzado em trabalhos, no contexto académico, fiquei de, certo modo, entusiasmada com a constituição do grupo, tornando-se um desafio, com a possibilidade de criação de laços de amizade.

Para terminar a etapa das escolhas, surge um momento mais ansiado pelo núcleo de estágio: a seleção das turmas. Após assistir a todas as reuniões de conselho de turma (7ºB, 8ºA e 8ºB), o professor orientador sugeriu que, neste ano letivo, a turma do 8º B não tivesse uma professora estagiária, o que me reduziu apenas para duas hipóteses de escolha. No entanto, o meu colega Miguel Veloso, ao ser trabalhador/estudante estagiário, tem disponibilidade reduzida, pelo que lhe facilitava a escolha da turma do 8ºA. Deste modo, nada me fez contrariar esta organização, ficando, assim, a lecionar a turma do 7ºB. Conhecer e fazer parte da realidade desta turma foi, então, o meu grande e principal objetivo.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA

2.1. CARATERIZAÇÃO DO ESTABELECIMENTO DE ENSINO

O Colégio Salesiano de Mogofores (CSM) foi fundado a 24 de novembro de 1938, pelos Salesianos de D. Bosco. Esta escola está localizada na freguesia de Mogofores, Concelho de Anadia, Distrito de Aveiro.

Esta instituição é particular, no entanto, proporciona ensino gratuito para os 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico. Para além disso, esta escola assume valores e crenças católicas. O projeto educativo do CSM encontra-se centrado na relação professor-aluno aliada à trilogia preventiva salesiana (Razão, Religião e Coração), onde o seu principal objetivo passa pela formação de “Bons Cristãos e Honestos Cidadão”.

No que diz respeito aos recursos humanos, no presente ano letivo 2014/2015, o CSM tem duzentos e vinte e três estudantes, em idade de escolaridade obrigatória. Estes estudantes estão divididos por nove turmas, sendo estes apoiados por vinte e dois professores, por oito auxiliares e duas psicólogas.

No que concerne aos recursos espaciais, o CSM encontra-se apetrechado de salas de aulas adequadas às necessidades dos alunos. Cada turma tem uma sala particular que está equipada com um computador, um quadro interativo, um aquecedor e um armário comum a todos os estudantes. Não obstante, cada aluno usufrui de uma secretária individual e uma cadeira. No que diz respeito à disciplina de Educação Física, o CSM possui um pavilhão polidesportivo e um recinto exterior que contém um ringue de futsal, dois campos de basquetebol e um campo de voleibol.

Os recursos temporais reservados para a disciplina de EF eram de um bloco de noventa minutos e um de quarenta e cinco minutos, por semana. No caso da turma lecionada, 7ºB, as aulas foram realizadas no primeiro e segundo tempo de terça-feira, das 08h50 às 10h20, e no nono tempo de quinta-feira, das 15h55 às 16h40.

Relativamente à rotina e aos aspetos característicos do CSM, podemos identificar vários fatores que diferenciam o Colégio da maioria das escolas. Em primeiro lugar, todos os dias, antes do primeiro tempo da manhã, é realizado um

momento de formação, reflexão e oração designado por “Bom Dia”. Os responsáveis pela organização deste momento são os salesianos e/ou os professores.

O CSM é uma escola que valoriza imenso o desporto e a atividade física no dia-a-dia dos seus alunos. Para além de os estudantes estarem habituados a praticar atividade física nos intervalos, entre colegas ou na companhia dos professores, estes sabem que no final de cada unidade didática terão uma atividade relacionada com a modalidade que tiveram a praticar nas aulas de Educação Física (exemplo: torneios interturmas; apresentações de sequências de ginástica de solo ou de aparelhos por anos de escolaridade; entre outras).

Um outro aspeto que caracteriza o CSM é a proximidade existente entre os alunos e os professores. Os estudantes mantêm um contato próximo com a maioria dos professores, fora da sala de aula, nos intervalos escolares. Para a generalidade dos estudantes, os professores também são considerados seus amigos, o que faz com que estes aproveitem os intervalos para conversar com os docentes sobre a sua vida escolar e pessoal, e/ou brincar e jogar com os mesmos, como já foi referido anteriormente. É importante referir que, nesta escola, é valorizado o processo de tutoria aos alunos, pelo que cada professor está responsável por um número de alunos para executar esse papel. Desta forma, os docentes acompanham o percurso dos seus alunos, aconselhando-os e auxiliando-os na resolução dos seus problemas.

2.2. CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O núcleo de Educação Física do CSM é constituído por um professor de EF e três estagiários – professor Diogo Simões, Ana Petra Santos, João Gonçalves e Miguel Veloso. O professor orientador da escola é professor no CSM há 14 anos. O professor orientador, ao ser o único docente efetivo, recebeu o núcleo de estágio de forma acolhedora, integrando cada um dos professores estagiários na comunidade escolar. O próprio docente forneceu, desde o início do Estágio Pedagógico, grande disponibilidade, quer para orientar e auxiliar nas tarefas do quotidiano do Colégio, ou na elaboração e na organização das tarefas a desempenhar a nível académico.

Para além disso, o professor orientador forneceu-nos a liberdade de planear e executar, como docentes do núcleo de EF, os projetos e as atividades que pretendíamos desenvolver ao longo de todo o ano letivo.

Relativamente ao grupo de professores estagiários, julgamos que o trabalho desenvolvido durante este período foi bastante produtivo. Apesar das diferenças existentes entre cada um de nós, procurámos sempre chegar a acordo nas decisões tomadas, sendo que estas nunca foram feitas sem o consenso dos restantes elementos do grupo. Apoiámo-nos e auxiliámo-nos mutuamente, sempre com grande espírito de grupo e camaradagem, na elaboração e na aplicação de todos os documentos, projetos e atividades.

2.3. CARATERIZAÇÃO DA TURMA – 7ºB

A caraterização da turma foi elaborada com base nas fichas biográficas preenchida pelos alunos e respetivos encarregados de educação (ver anexo I). Desta forma, a turma B do sétimo ano é constituída por 20 alunos, sendo 13 do sexo masculino e 7 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos.

No que diz respeito aos membros da família com os quais os alunos partilham a sua habitação, dezoito estudantes convivem diariamente com, pelo menos, um dos seus progenitores. Na grande maioria da turma, treze casos, os encarregados de educação dos estudantes estão empregados, contudo existem situações adversas.

No que se refere ao trajeto realizado diariamente para chegar à escola a grande maioria da turma identifica um transporte particular como meio de transporte e um percurso de cerca de 10/20 minutos de duração.

Após a análise da vida escolar dos diferentes estudantes constatou-se que, no que se refere ao número de repetências acumuladas pela turma, metade dos estudantes já enfrentaram uma retenção. Quando questionados sobre o tempo disponibilizado para o estudo, apenas nove alunos da turma revelou que estuda de uma forma frequente, enquanto os restantes alunos afirmaram estudar raramente ou apenas nas vésperas dos testes. No seguimento das questões sobre os seus hábitos de estudo, os estudantes, foram questionados sobre o apoio ao estudo que recebiam fora da escola. Assim, de uma forma geral todos os

estudantes indicaram que, de alguma forma se sentiam apoiados em casa ou em centros de estudo porém, três estudantes assinalaram que não tinham qualquer apoio em casa.

Uma vez inquiridos sobre as tarefas que desempenhavam nos seus tempos livres assim como os *hobbies* com que ocupavam esses tempos os estudantes selecionaram “ouvir música” como a tarefa mais comum à turma, seguindo-se as práticas desportivas e as novas tecnologias. Os alunos revelaram também aproveitar estes tempos para ir à catequese e à missa, passear, brincar e ajudar nas tarefas domésticas.

Relativamente à sua saúde, existem cinco alunos com problemas visuais, um aluno com dificuldades auditivas, quatro alunos com alergias, dois alunos com asma e um aluno com uma assimetria no membro inferior direito.

3. ANÁLISE REFLEXIVA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

3.1. ATIVIDADES DE ENSINO APRENDIZAGEM

3.1.1. PLANEAMENTO

Bento (2003) divide o planeamento em três etapas: *i*) o Plano Anual, a nível macro, planeado a longo prazo; *ii*) as Unidades Didáticas, a nível meso, planeadas a médio prazo; e *iii*) o Plano de Aula, a nível micro, planeado a curto prazo. Para além destes três níveis, o CSM tem a particularidade de executar parte do seu planeamento de um modo quinzenal.

3.1.1.1. Plano Anual

O plano anual é “um plano de perspetiva global que procura situar e concretizar o programa de ensino no local e nas pessoas envolvidas” (Bento, 2003, pp. 59).

No que diz respeito ao Plano Anual as primeiras dúvidas surgiram antes de iniciar o estágio pedagógico, na planificação e calendarização das unidades didáticas a lecionar ao longo do ano letivo. Contudo, o CSM tem a particularidade de ter apenas uma calendarização comum a todos os anos de ensino, o que facilitou, desde logo, a construção do plano anual.

Na definição dos conteúdos a abordar, em primeiro lugar, foi indispensável analisar o PNEF, selecionando, assim, as metas a atingir. Não obstante, para estabelecer

os objetivos a serem atingidos pelos alunos, foi necessário ter em conta os recursos disponíveis no colégio e informações inerentes às capacidades motoras de cada estudante.

Relativamente aos recursos disponíveis na escola, as instalações eram vastas e encontravam-se em bom estado de preservação. Para além disso, o horário escolar foi definido para apenas existir uma turma a ter aula de EF, fornecendo a possibilidade de cada professor decidir qual o espaço que pretende utilizar para a aula. Quanto aos materiais disponíveis para a lecionação das aulas de EF, o colégio encontrava-se bem apetrechado, tendo material em número e em estado de conservação de qualidade satisfatória.

No que concerne à avaliação das capacidades motoras de cada estudante, todas as UD tiveram início com o processo de avaliação diagnóstica, onde foram identificadas as dificuldades e aspetos, técnico e táticos, a evoluir em cada uma das respetivas modalidades.

3.1.1.2. Unidades Didáticas

O plano anual subdivide-se em períodos, com diferentes unidades didáticas. A duração de cada unidade didática depende de diferentes fatores como as aptidões dos alunos,

As Unidades Didáticas “constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem” (Bento, 2003, pp. 75).

O processo de elaboração das Unidades Didáticas foi realizado de acordo com o Bloco de Matérias do PNEF, sendo o ano, em questão, o 7º ano. Aqui, revelaram-se algumas dificuldades, nomeadamente, na adequação dos exercícios ao nível da turma, uma vez que a turma era bastante heterogénea no que toca à performance das diferentes modalidades.

As UD foram elaboradas no início da lecionação de cada modalidade, após a realização da Avaliação Diagnóstica. Desta forma, o planeamento das aulas foi ajustado às necessidades de aprendizagem dos alunos da turma, trabalhando para o sucesso dos mesmos na prática.

Cada UD produzida neste Estágio Pedagógico incluiu uma caracterização e história da modalidade em questão, os conteúdos técnicos e táticos a abordar, os recursos disponíveis, a definição dos objetivos e das estratégias de ensino a utilizar, a extensão e sequenciação dos conteúdos, as progressões pedagógicas, a definição dos processos avaliativos e a bibliografia. Não obstante, no final de cada UD foi realizado um balanço, onde eram abordados todos os aspetos relacionados com a aplicação da mesma, fornecendo sugestões de estratégias de ensino para uma abordagem futura.

Relativamente às UD de Jogos Desportivos Coletivos (Andebol, Basquetebol, Futsal, Voleibol e Bitoque Rugby), optámos por iniciar a organização das aulas com a turma de uma forma heterogénea, onde os alunos com mais capacidades incentivavam os alunos com menos, porém, mais tarde, dividimos por níveis de desempenho, fornecendo a todos os alunos a possibilidade de executarem as tarefas com colegas que se encontram no mesmo patamar. Assim, os estudantes com maior aptidão sentiam-se, de certa forma, desafiados e os alunos com menos aptidão desenvolviam mais facilmente as suas capacidades. Nestas UD, à exceção do Voleibol, decidimos reduzir o número de exercícios analíticos, seleccionando tarefas direccionadas para o objetivo final. Julgámos que esta decisão foi a mais benéfica para os alunos, visto que estes compreenderam, de forma rápida e eficaz, os conteúdos técnicos e táticos quando foram defrontados com situações reais de jogo. Para além disso, nas UD de JDC, decidimos utilizar regularmente o questionamento, não só para captar a atenção dos alunos, mas, sobretudo, para verificar se os conhecimentos transmitidos tinham sido compreendidos e retidos.

Por outro lado, no que concerne à UD de Ginástica de Solo, optámos pelo planeamento das aulas desta modalidade por sequência gímnica. Esta revelou ser uma boa decisão, pois permitiu ter um menor número de alunos concentrados num certo local, um maior empenhamento motor dos mesmos, uma abordagem de diferentes elementos gímnicos interligados, facilitando a movimentação da professora e, conseqüentemente, o fornecimento de *feedback* e a aprendizagem dos alunos. O mesmo se verificou na UD de Ginástica de Aparelhos, onde foram utilizadas as mesmas estratégias de ensino, com um trabalho por estações. Assim, na maioria das aulas optámos por um estilo de ensino por tarefa, conseguindo ter a turma organizada e os alunos empenhados. Para além disso, foram fornecidos documentos de apoio para auxiliar cada um dos grupos, dando bastante resultado pois aumentaram a autonomia da

professora e dos alunos, facilitando a monitorização da turma. A utilização dos alunos com maiores capacidades de execução técnica como agentes de ensino aliado ao facto de ensinarmos todos os alunos a realizarem as ajudas, foram outras estratégias fundamentais para a lecionação desta modalidade. Isto permitiu, mais uma vez, aumentar a autonomia dos alunos, os seus conhecimentos acerca das componentes críticas de cada elemento e as suas condições de segurança.

Relativamente à UD de Atividades Rítmicas e Expressivas, tivemos como principais objetivos na extensão e sequenciação dos conteúdos, o desenvolvimento de um *flashmob* comum a todos os anos letivos e um projeto de grupo. No que concerne ao momento da elaboração de uma coreografia de grupo, os alunos revelaram bastantes dificuldades em trabalhar de uma forma autónoma. Não obstante, as controvérsias existentes entre os membros dos grupos levaram à ausência de apresentação por parte de um grupo de estudantes. Desta forma, considerámos fundamental adotar uma postura mais próxima dos alunos, controlando o desenvolvimento dos projetos de grupo. Para além disso, o período de tempo fornecido para a elaboração dos projetos de grupo devia ter sido mais reduzido, de modo a manter os alunos concentrados e focados na produção dos trabalhos. Embora as avaliações alcançadas pela turma tenham sido demasiado baixas, considerámos que o trabalho desenvolvido ao longo desta UD foi produtivo. Os alunos mostraram-se mais recetivos às tarefas e empenhados quando o estilo de ensino utilizado era por comando, o que se torna a opção mais benéfica para a abordagem desta UD.

Por último, a UD de Atletismo dividiu-se pelos três períodos letivos. No que se refere às estratégias de ensino tomadas ao longo das aulas, optámos pela formação de grupos heterogéneos, para que os alunos mais aptos encorajassem e motivassem os colegas com mais dificuldades. Para além disso, procurámos aplicar, no final de cada vertente da modalidade, tarefas onde os alunos competiam entre si, de forma a cativá-los para o gosto desta UD.

3.1.1.3. Planos Quinzenais

No CSM, o processo de ensino-aprendizagem inclui, para todas as disciplinas, um documento designado por Rotas de Aprendizagem. Este documento é fornecido a

todos os alunos, de modo a auxiliá-los na preparação das suas caminhadas na aquisição de conhecimentos.

Para além das Rotas de Aprendizagem, os professores elaboram um outro documento, o Projeto Individual Quinzenal de Aprendizagem (PIQA), onde contém o planeamento quinzenal de cada unidade curricular. Neste documento encontram-se os conteúdos a serem abordados e as tarefas que devem ser desenvolvidas, para o período de duas semanas. No seguimento do PIQA, os professores solicitam aos alunos algumas tarefas complementares para realizarem em casa, denominadas de T-15.

Este plano quinzenal permite que os alunos organizem o seu estudo com maior facilidade e realizem os trabalhos previstos da forma que desejam. Contudo, estes devem ter em conta que, no fim desse período, todas as tarefas devem estar terminadas.

Estes documentos são disponibilizados, antecipadamente, aos estudantes e respetivos Encarregados de Educação, em papel e no *site* da escola, possibilitando que os mesmos possam controlar a aprendizagem dos seus educandos.

No que diz respeito à disciplina de EF, este planeamento difere nas diferentes UD. Assim, o grupo de EF executa o planeamento do número de aulas de cada UD consoante as necessidades dos seus estudantes. Não obstante, esta rotação quinzenal permite abordar um número maior de modalidades, durante um ano letivo, relativamente à maioria dos estabelecimentos de ensino. Apesar do contacto com cada uma das UD ser menor durante um ano letivo, os estudantes do CSM repetem este leque de modalidades durante os cinco anos de estudo, o que torna a carga horária semelhante no final de cada ciclo de estudos.

3.1.1.4. Planos de Aula

O plano de aula (ver anexo II), tal como o nome indica, é um documento de apoio do docente, onde constam os conteúdos a serem abordados numa determinada aula. Tendo em conta o enquadramento com a UD a que se dirige, o plano de aula deve prever os diferentes elementos do currículo, assim como uma justificação de todas as opções tomadas.

No cabeçalho deste documento deve constar informações como: *i)* turma; *ii)* ano de escolaridade; *iii)* número de alunos; *iv)* data; *v)* ano letivo; *vi)* período; *vii)* horário da

aula; *viii*) número de aula; *ix*) número de aula da UD; *x*) UD; *xii*) função didática; *xiii*) professor; *xiv*) material necessário; e *xv*) os objetivos da mesma.

Cada plano de aula teve uma estrutura dividida em três partes: *i*) Parte Inicial; *ii*) Parte Fundamental; *iii*) Parte Final. Por outro lado, para cada tarefa destas três fases são identificados os Objetivos Específicos, os Critérios de Êxito e os Estilos de Ensino.

A parte inicial disse respeito ao momento da chegada à aula, onde os alunos, executaram, geralmente, exercícios de ativação cardiovascular e de mobilização articular, de forma a preparar o seu organismo para o esforço e evitar possíveis lesões. Estas partes preparatórias “não devem ser entendidas apenas como um “aquecimento”, mas sim como inerentes à preocupação de criar uma situação pedagógica, psicológica e fisiológica, favorável à realização da função principal da aula” (Bento, 2003, pp.153). É importante referir que o momento de mobilização articular era, na maioria das vezes, executado por um dos estudantes, o que possibilitava a execução da instrução dos objetivos da aula e das tarefas a realizar posteriormente.

Na segunda parte, a parte fundamental, eram previstas as situações de aprendizagem, bem como os objetivos comportamentais, os critérios de êxito e os estilos de ensino a utilizar em cada uma das mesmas. Segundo Bento (2003), é na parte fundamental que o professor é colocado à prova, pois é neste período que transmite os conteúdos para a concretização dos objetivos da disciplina. Assim, nesta fase da aula, tentámos criar uma organização lógica dos conteúdos a abordar em cada uma das aulas das UD. Optámos por executar, em primeiro lugar, os exercícios mais analíticos, referentes aos aspetos técnicos de cada modalidade e, posteriormente, evoluir, progressivamente, para tarefas mais complexas. No entanto, ao longo das UD de JDC, achámos vantajoso realizar, maioritariamente, exercícios direcionados para situações reais de jogo. Esta decisão foi benéfica visto que, os alunos se sentiam mais motivados na realização destes exercícios, e a evolução era notória.

“No final da aula o professor procede ao seu balanço, avalia a disciplina, os resultados e deficiências gerais, destaca aspetos relevantes e faz a ligação com as próximas aulas” (Bento, 2003, pp.160). No nosso caso, na parte final da aula, existiu sempre um momento de retorno à calma onde, normalmente, se executaram exercícios de alongamentos de relaxamento muscular. À semelhança da parte inicial, a sequência de alongamentos era, na maioria das vezes, realizada por um dos alunos da turma. Este

último momento também era utilizado para executar um balanço da aula realizada, assim como para questionar os alunos sobre os conhecimentos transmitidos na mesma e introduzir a aula seguinte.

Este documento incluiu também uma grelha onde era efetuado o registo de comentários relevantes sobre a prestação dos alunos na aula, auxiliando a executar, assim, a avaliação formativa.

Por sua vez, para além de a reflexão crítica individual, era realizada, no final de cada aula, uma análise conjunta com o restante núcleo de EF. Esta reflexão permitia identificar as lacunas cometidas por cada um dos professores no planeamento ou na execução das tarefas na aula, assim como fornecer sugestões para executar nos exercícios desenvolvidos e/ou nas próximas aulas.

3.1.2. REALIZAÇÃO

Segundo Sidentop (1998), existem quatro dimensões do processo de ensino-aprendizagem: *i*) a Instrução; *ii*) a Gestão; *iii*) o Clima; e *iv*) a Disciplina.

3.1.2.1. Instrução

A instrução encontra-se inteiramente interligada a toda informação transmitida, pelo professor, aos seus alunos, no seu processo de ensino-aprendizagem.

A grande dificuldade encontrada no parâmetro da instrução foi na transmissão de todas as informações na explicação de cada tarefa. No começo do EP, por vezes, ao iniciar a explicação das tarefas, algumas componentes para a sua realização eram omissas por esquecimento, o que implicava uma interrupção no decorrer do exercício para indicar essas componentes à turma.

No que diz respeito à demonstração, privilegiámos que a mesma fosse executada no início de cada uma das tarefas. Não obstante, tentámos, de um forma geral, utilizar os alunos mais aptos para as várias UD como agentes de ensino. Considerámos esta estratégia benéfica, pois os estudantes, ao verem alguém com características semelhantes a si mesmo, acabavam por se concentrar e motivar mais na execução da tarefa. Para além disso, o professor, ao executar a demonstração, pode correr o risco de fracassar perante os seus alunos. Uma demonstração mal executada, por parte do professor, pode

levar ao desacreditar das suas habilidades motoras, bem como à má execução por parte dos estudantes.

De acordo com Rosada e Mesquita (2009), o *Feedback* Pedagógico é um dos fatores que permite garantir a qualidade da informação da instrução. Relativamente à aplicação do *Feedback* Pedagógico, tentámos que este fosse fornecido sempre de uma forma correta e oportuna. Assim, tendo em conta que a generalidade dos *feedback* dirigidos foram do tipo corretivo, construiu-se, diariamente, um caminho para o sucesso dos estudantes.

No que concerne ao questionamento, este foi utilizado, regularmente, nas aulas de EF. Considerámos que esta utilização se tornava benéfica para os alunos, pois era uma forma de verificar os conhecimentos adquiridos, tirar as dúvidas existentes e corrigir as lacunas que alguns alunos possuíam em certas UD. Este questionamento foi sempre feito em forma de perguntas claras e acessíveis, permitindo a perceção e o reconhecimento rápido por parte dos estudantes.

3.1.2.2. Gestão

Uma boa gestão da aula depende sempre de um planeamento cuidadoso. Em primeiro lugar, o professor deve ser pontual e assíduo, preparando o máximo de elementos previstos para a aula, de forma a existir o mínimo de perda de tempo possível na montagem e desmontagem do material. Para além disso, o professor deve estar preparado para realizar os reajustamentos necessários caso exista alguma impossibilidade, tal como faltar um aluno na aula ou as condições meteorológicas não serem favoráveis para a execução das tarefas previstas. Para além do plano de aula ter que estar estudado por parte do professor, este não se pode limitar ao que se encontra lá estipulado, mas sim ter uma panóplia de estratégias, de modo a permitir tomadas de decisão rápidas, caso seja necessário algum ajustamento.

É importante referir que os alunos do CSM estão habituados a realizar a aula de EF com música. Esta particularidade permite não só um ambiente diferente e harmonioso em sala de aula, mas também um controlo maior na gestão da aula e na transição das tarefas. Assim, os alunos durante todas as aulas de EF sabiam que quando existia a presença de música na aula significava que o exercício se encontrava a decorrer

e, quando a professora colocava em pausa, deviam parar a sua prática e ouvir, em silêncio, as instruções que lhes eram indicadas.

No que se concerne à gestão do tempo aula, a maior dificuldade encontrada foi no controlo os tempos das tarefas, pois, muitas das vezes, a aula não começava à hora prevista devido ao atraso no “Bom Dia” ou das aulas que antecediam a aula de EF. Geralmente este atraso era recuperado nas tarefas iniciais, contudo, por vezes, foi necessário prescindir do momento de retorno à calma.

3.1.2.3. Clima/Disciplina

De acordo com Sidentop (1998), a criação de um ambiente propício à aprendizagem resultado de uma boa organização e de boas estratégias de ensino. O clima da aula favorável é um aspeto essencial a desenvolver para que o empenhamento motor dos alunos seja de qualidade. Consideramos que a construção de uma ligação de afetividade com os alunos permite a existência de um ambiente favorável à aprendizagem, visto que os alunos reagem com mais facilidade às tarefas propostas por um professor pelo qual têm alguma cumplicidade.

Em relação à turma do 7ºB do CSM, esta criação de laços foi concebida, não só no decorrer da lecionação das aulas, mas também em momentos mais informais, como os intervalos letivos, em conversas e momentos de prática desportiva. Este tipo de convívio transmitiu a confiança necessária aos alunos, visto que os mesmos perceberam que não nos encontramos na escola para lhes transmitir conhecimentos, mas também para os auxiliar na resolução dos problemas do seu dia-a-dia.

Consideramos também que um ambiente animado e motivador influencia a prática dos estudantes. Assim, tentámos evidenciar, ao longo de todo o Estágio Pedagógico, uma postura descontraída e estimulante. Por outro lado, também eram criados vários desafios, geralmente em forma de competição, durante as aulas de forma a elevar os seus níveis de aptidão física.

No que concerne à segurança na aula de EF, este foi um dos aspetos primordialmente referidos na sua lecionação. Os alunos, desde a primeira aula, sabiam que, para além de terem que estimar os materiais utilizados tinham que ter cuidados a

nível pessoal e de grupo, principalmente nas modalidades mais perigosas, como a Ginástica de Solo, a Ginástica de Aparelhos e a Ginástica Acrobática.

Apesar de, por vezes, os alunos iniciarem a aula de forma agitada, tentámos ao máximo modificar esse comportamento para não prejudicar o bom funcionamento da mesma. Desde o primeiro dia de aulas que evidenciámos a existência de regras de conduta fundamentais nas aulas de EF, às quais os estudantes sabiam que tinham que cumprir. Para além disso, procurámos privilegiar sempre o espírito de equipa e entreadajuda nas aulas.

3.1.2.4. Decisões de Ajustamento

Como já referi anteriormente, o plano de aula deve ser o guião de cada professor na condução da aula. No entanto, por vezes, existem fatores que podem levar ao reajuste das tarefas previstas.

A heterogeneidade da turma foi um dos principais fatores que levou ao aparecimento de decisões de ajustamento na lecionação nas aulas. Assim, em algumas aulas, principalmente em Unidades Didáticas de JDC, foi necessário reajustar as tarefas definidas para as mesmas, simplificando-as para os alunos menos aptos e fornecendo novos desafios para os alunos com maior aptidão.

Contudo, este foi o parâmetro onde existiram mais lacunas, tendo em conta a falta de experiência e de prática. Estas dificuldades foram trabalhadas e melhoradas ao longo do ano letivo, de forma a conseguir uma intervenção imediata nas tarefas não decorriam como planeado, efetuando o devido ajuste.

3.1.3. AVALIAÇÃO

Ribeiro (1999, pp.75), afirma que “a avaliação pretende acompanhar o processo do aluno, ao longo do seu percurso de aprendizagem, identificando o que já foi conseguido e o que está a levantar dificuldades, procurando encontrar as melhores soluções”.

Segundo Carvalho (1994), a avaliação corresponde a uma análise de dados onde os professores encontram as respostas para as adaptações a serem feitas na aprendizagem dos alunos, de forma a contribuírem para o seu progresso.

No CSM foram definidos parâmetros de avaliação específicos para a disciplina de Educação Física.

| | | |
|--|--|--|
| Competências e Conhecimentos 65% | Atividades Físicas 45% | <p>Conhecer e aplicar as regras e os regulamentos dos vários desportos; Realização de gestos técnicos específicos das unidades didáticas; Aplicação adequadamente, na tomada de decisão os conhecimentos táticos adquiridos; Cooperação com os colegas nas ajudas e correções que permitam a melhoria das prestações e garantam condições de segurança pessoal e dos companheiros; Colaboração na preparação, preservação e arrumação do material de aula; Assumir compromissos e responsabilidades de organização e preparação das atividades individuais e ou de grupo, cumprindo com empenho, uniforme escolar e brio as tarefas inerentes;</p> |
| | Aptidão Física 10% | <p>Elevar o nível funcional das capacidades condicionais e coordenativas gerais, particularmente, de resistência geral de longa e média durações; da força resistente; da força rápida; da velocidade de reação simples, de execução, de deslocamento; das destrezas gerais e específicas.</p> |
| | Conhecimentos 10% | <p>Conhecer e interpretar fatores de saúde e risco associados à ausência de prática das atividades físicas e aplicar regras de higiene e segurança; Conhecer e aplicar cuidados higiénicos, bem como as regras de segurança pessoal e dos companheiros, e de preservação dos recursos materiais; Conhecimento e compreensão dos conteúdos programáticos utilizando adequada e corretamente a L. Portuguesa.</p> |
| Envolvimento na Aprendizagem 17% | Autonomia 5% | <p>Realização das atividades propostas de forma autónoma; Participar oportunamente; Apresenta iniciativas e propostas pessoais de desenvolvimento da atividade individual e do grupo, considerando também as que são apresentadas pelos companheiros com interesse e objetividade.</p> |
| | T15 (trabalhos quinzenais) 12% | <p>Interesse nas e pelas tarefas propostas na procura do êxito pessoal e do grupo, respeitando os princípios da ética desportiva, criatividade, motivação; Desenvolvimento e participação nas atividades a implementar com toda a comunidade educativa, consideradas projetos da escola e da área disciplinar.</p> |
| | Responsabilidade 3% | <p>Assiduidade; Pontualidade; Utilizar o material indicado para a prática de atividade física bem como para os cuidados da higiene pessoal.</p> |
| Qualidade de Relacionamento 18% | Atenção 3% | <p>Concentração; Contextualização com as atividades a ser desenvolvidas; Autodomínio.</p> |
| | Amor Fraternal 12% | <p>Relacionar-se com cordialidade e respeito pelos colegas, professores e auxiliares educativos; Colaboração e cooperação com os outros; Aceitar o apoio dos companheiros nos esforços de aperfeiçoamento próprio, bem como as opções do(s) outro(s) e as dificuldades reveladas por eles.</p> |

Tabela 1 – Critérios Gerais de Avaliação

Relativamente à avaliação dentro das UD, esta está dividida em três grandes tipos: *i)* a Avaliação Diagnóstica; *ii)* a Avaliação Formativa; e *iii)* a Avaliação Sumativa.

3.1.3.1. Avaliação Diagnóstica

Para Ribeiro (1999), a avaliação diagnóstica pretende determinar o nível de proficiência dos alunos face a novas aprendizagens.

Esta avaliação tem por objetivo a recolha de informações acerca dos conhecimentos e aptidões que o aluno possui no início da Unidade Didática, permitindo verificar o nível de desempenho dos alunos relativamente aos diversos conteúdos e prognosticar o nível que poderão atingir, tornando possível estabelecer diferentes níveis dentro da turma (função de seleção e prognóstico).

No que se refere a este tipo de avaliação encontrámos dificuldades antes da sua aplicação, na seleção das componentes a avaliar para cada Unidade Didática, de forma a conseguir recolher todas as informações pertinentes sobre todos os estudantes.

Para a execução deste processo foi sugerida a elaboração de grelhas simples, onde constavam apenas as componentes mais relevantes para avaliar os níveis de aptidão dos alunos.

Após esta avaliação, é realizado o planeamento, onde os objetivos e a extensão e sequenciação dos conteúdos são definidos de acordo com o nível de proficiência dos alunos da turma.

3.1.3.2. Avaliação Formativa

“A avaliação formativa pretende determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e de lhes dar soluções” (Ribeiro, 1999, pp.89).

A avaliação durante o processo de ensino-aprendizagem adquire um sentido formativo, porquanto a informação recolhida através dos procedimentos e instrumentos de avaliação servirá para regular a própria prática docente (avaliação formativa) ao longo do processo.

A avaliação formativa é realizada em todas as aulas, com a aplicação de diferentes exercícios que proporcionem a exercitação de um mesmo elemento de determinada modalidade desportiva, mas por “caminhos” distintos. Deste modo, a turma, ao ser conhecida e estar ambientada ao professor, facilita este processo de avaliação.

Na avaliação formativa, foi sugerida a criação de uma tabela onde eram registados os comportamentos e atitudes demonstrados pelos vários alunos, ao longo de todas as aulas de cada Unidade Didática. Após o registo completo de uma destas tabelas, conseguimos verificar se houve ou não evolução por parte de cada aluno, quer a nível de aproveitamento como de comportamento na aula.

3.1.3.3. Avaliação Sumativa

A avaliação sumativa corresponde “a um balanço final, a uma visão de conjunto relativamente a um todo sobre que, até aí, só haviam sido feitos juízos parcelares” (Ribeiro, 1999, pp. 89).

Para finalizar o processo de ensino e aprendizagem é necessário avaliar as aprendizagens realizadas pelos alunos ao longo do mesmo. A avaliação deve cumprir uma função de recapitulação didática, estando, evidentemente, relacionada com os resultados obtidos durante o processo. Posto isto, as dificuldades iniciais sentidas foram no relacionamento da avaliação formativa com a avaliação sumativa de forma a obter uma avaliação final justa.

Quanto á avaliação sumativa, assim como na avaliação diagnóstica, foi elaborada uma grelha simples, apenas com as componentes mais relevantes para a execução desta tarefa. Contudo, neste referencial, existiu um espaço destinado para as observações, onde se poderia incluir um ou vários elementos que não constassem na grelha, mas em que os alunos mostraram grandes dificuldades ou dominaram com facilidade.

3.2. ATITUDE ÉTICO- PROFISSIONAL

Como docente numa comunidade escolar é imprescindível manter uma boa atitude ético-profissional durante todo o percurso. É necessário respeitar todos os

indivíduos desta comunidade, sejam eles diretores, docentes, funcionários ou aprendentes.

Quanto à relação com os alunos, foi criada uma ligação de amizade com cada um deles, mantendo-se sempre uma distância saudável. Esta relação de amizade permitiu conhecê-los individualmente, nas suas características pessoais, criando assim uma empatia com os mesmos, sem nos esquecermos do profissionalismo inerente.

No que concerne à atitude e responsabilidade perante a escola e todos os seus intervenientes, julgamos que esta foi bastante positiva. Desta forma, sempre que a comunidade escolar solicitou, auxiliámos na realização das tarefas que estavam ao nosso alcance, no posto médico e no pavilhão. Para além disso, acompanhámos a turma desde o início da manhã, no “Bom Dia”, nos intervalos escolares e na organização das filas (modo como as turmas se organizam para se deslocarem para a sala de aula) no final destes momentos.

Relativamente à atitude e responsabilidade enquanto membros do núcleo de estágio de EF, estivemos sempre disponíveis para a realização dos trabalhos e de todos os projetos e atividades desenvolvidas durante o EP.

Por outro lado, no que diz respeito ao projeto formativo e à partilha e transmissão de conhecimentos e experiências, é importante referir que todos os elementos do núcleo de estágio de EF do CSM estiveram presentes nas atividades propostas pelos coordenadores do nosso mestrado, nomeadamente: *i)* a Oficina de Ideias organizada pelo núcleo de estágio da Escola Secundária Avelar Brotero; *ii)* as I Jornadas Científico-Pedagógicas de Encerramento do Estágio Pedagógico (ver Anexo IV); e *iii)* o IV Fórum Internacional das Ciências da Educação Física (ver anexo V). Consideramos que atividades contribuíram de forma produtiva e enriquecedora para o desenvolvimento pessoal e profissional de cada um de nós.

4. APROFUNDAMENTO DO TEMA-PROBLEMA: “A RETENÇÃO DO FEEDBACK PEDAGÓGICO NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA”

4.1. INTRODUÇÃO

Este estudo encontra-se inserido no âmbito da unidade curricular de Estágio Pedagógico, do Mestrado de Ciências da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Universidade de Coimbra.

Esta investigação tem como tema geral o estudo do *Feedback* Pedagógico, nomeadamente, a análise do nível de retenção da informação fornecida pelo professor, nas aulas de Educação Física.

São inúmeros os autores que consideram o *Feedback* Pedagógico como um dos instrumentos mais importantes no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Nieto (1999), o feedback pedagógico consiste no conjunto de informações que o docente transmite ao aluno, de modo a que este corrija e melhore o seu desempenho motor durante as tarefas executadas na aula. Contudo, é necessário verificar se os estudantes entendem e retêm o conhecimento transmitido.

4.2. PERTINÊNCIA DO ESTUDO

O processo de ensino-aprendizagem exige que o docente comunique, de forma correta e oportuna, a informação necessária para a melhoria das habilidades motoras de cada aluno. Sarmiento (2004) assume que “o ato pedagógico já não acontece ao acaso, ele é pensado, refletido e fruto de um processo racional, regido por princípios, objetivos e finalidades”. Segundo Sarmiento *et al* (1998), o *feedback* pedagógico pode assumir quatro formas: *i*) áudio – exposto de forma oral; *ii*) visual – exibido de formas gestuais ou com a execução de uma demonstração; *iii*) quinestésica; *iv*) mista. Por outro lado, os mesmos autores distinguem o *feedback* pedagógico em quatro objetivos: *i*) avaliativo; *ii*) prescritivo; e *iii*) descritivo.

Deste modo, procuramos, através da aplicação deste estudo, averiguar a receção do feedback emitido pelos professores, em modalidades individuais e coletivas, comparando a sua distribuição pelas dimensões forma e objetivo.

4.3. OBJETIVO DO ESTUDO

O objetivo geral deste estudo é verificar perceção do *feedback* pedagógico por parte dos estudantes após a informação fornecida pelo professor. Desta forma, para a execução deste estudo foram definidos dois objetivos específicos, sendo estes: *i*) verificar qual o objetivo e a forma de *feedback* pedagógico que os alunos relatam com maior fidelidade; *ii*) comparar os níveis de retenção do *feedback* pedagógico fornecido pelo professor em modalidade individual e modalidade coletiva.

4.4. METODOLOGIA

4.4.1. AMOSTRA

Este estudo teve como amostra trinta e três estudantes, das turmas do oitavo ano de escolaridade, do Colégio Salesiano de Mogofores. Destes trinta e três alunos, vinte e quatro eram do género masculino (56%) e dezanove do género feminino (44%).

Para além disso, é importante referir que os professores que lecionaram estas turmas eram professores estagiários, inseridos no Mestrado de Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, da Universidade de Coimbra.

4.4.2. PROCEDIMENTOS

A realização desta investigação teve como procedimentos a observação direta de quatro aulas de noventa minutos, de cada uma das turmas, nas duas Unidades Didáticas definidas – quatro de Ginástica de Aparelhos e quatro de Futsal.

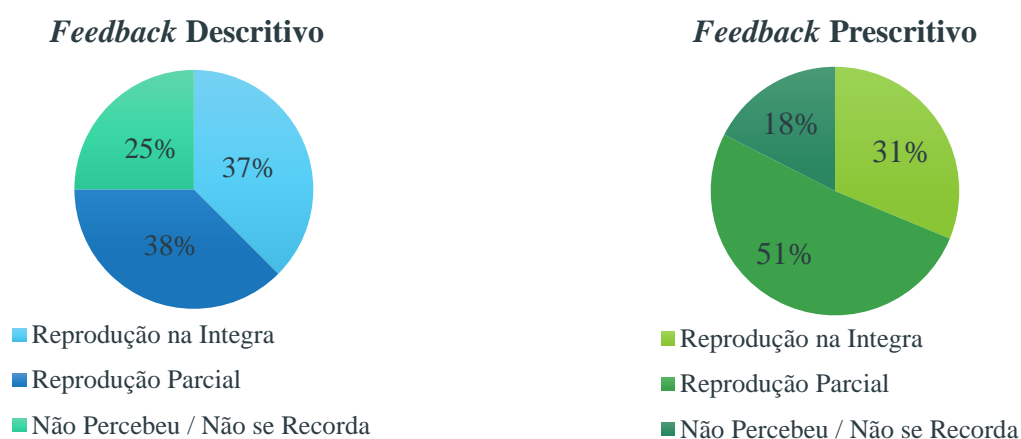
Nestas aulas foi aplicado um questionamento aos alunos, sempre que o professor lhes dirigia um *feedback* corretivo, que consistia na pergunta: “O que é que o professor te disse?”. No que diz respeito ao registo destas ocorrências (ver anexo VI), o *feedback* pedagógico fornecido pelo professor foi analisado quanto ao objetivo (descritivo ou

prescritivo) e quanto à forma (áudio ou audiovisual), enquanto os relatos dos alunos foram analisados quanto ao nível de retenção do *feedback* (reprodução na íntegra, reprodução parcial ou não percebeu/não se lembra). É importante referir que os *feedback* pedagógicos analisados foram apenas os dirigidos aos alunos de modo individualizado.

4.5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto à apresentação e discussão dos resultados, decidimos dividi-los pelos três objetivos anteriormente definidos. Assim, numa primeira fase, analisámos o nível de retenção do *feedback* pedagógico fornecido, tendo em conta seu objetivo. Numa segunda fase, verificámos qual a forma de *feedback* em que os alunos mostravam mais fidelidade na reprodução do mesmo. Não obstante, por último, investigámos se a percepção do *feedback* pedagógico fornecido é superior na modalidade individual ou na modalidade coletiva.

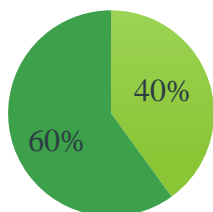
4.5.1. Nível de Retenção Quanto ao Objetivo do *Feedback*



Ao analisar o *feedback* pedagógico quanto ao objetivo, podemos verificar que a perda de informação, apesar de significativa, foi menor no conjunto de estruturas descritivas. Enquanto existiu uma perda parcial ou total de informação em 63% dos *feedbacks* descritivos, nos *feedbacks* prescritivos a perda foi de 69%.

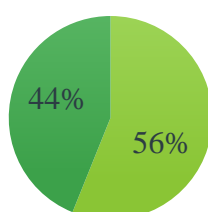
4.5.2. Nível de Retenção Quanto à Forma do Feedback

Reprodução na Integra



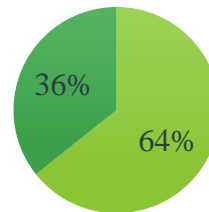
■ Audio ■ Audio Visual

Reprodução Parcial



■ Audio ■ Audio Visual

Não Percebeu / Não se Recorda

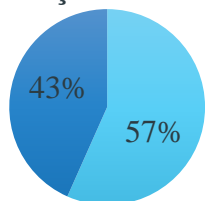


■ Audio ■ Audio Visual

4.5.2.1. *Feedback Descritivo*

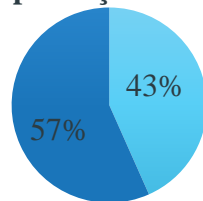
No que concerne à forma do *feedback* descritivo, podemos constatar que o esquecimento da informação, por parte dos estudantes, foi menor nos *feedbacks* fornecidos em formato áudio, do que nos *feedbacks* de forma áudio visual. Com estes resultados verificamos que o conjunto de estruturas descritivas teve um sucesso maior quando fornecidas de forma simples, onde o professor fornece a informação pretendida num discurso claro e conciso, utilizando uma linguagem acessíveis à compreensão de todos estudantes.

Reprodução na Integra



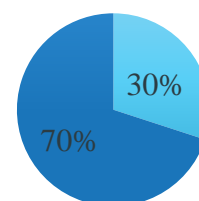
■ Audio ■ Audio Visual

Reprodução Parcial



■ Audio ■ Audio Visual

Não Percebeu / Não se Recorda

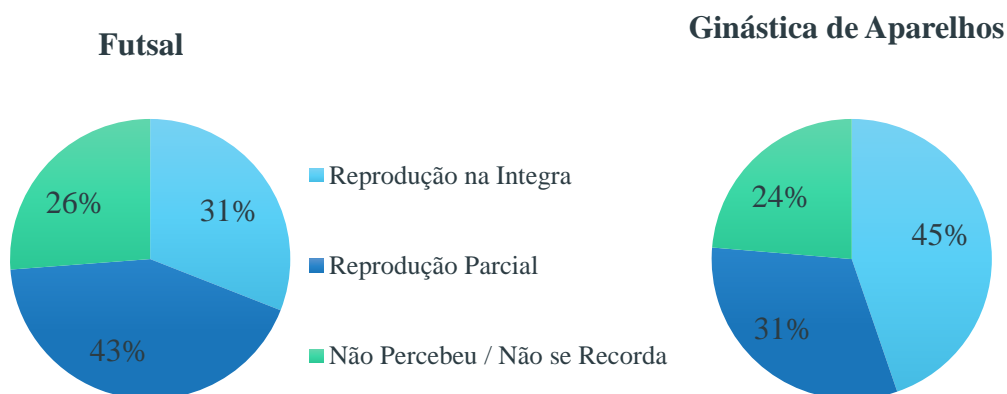


■ Audio ■ Audio Visual

4.5.2.2. *Feedback Prescritivo*

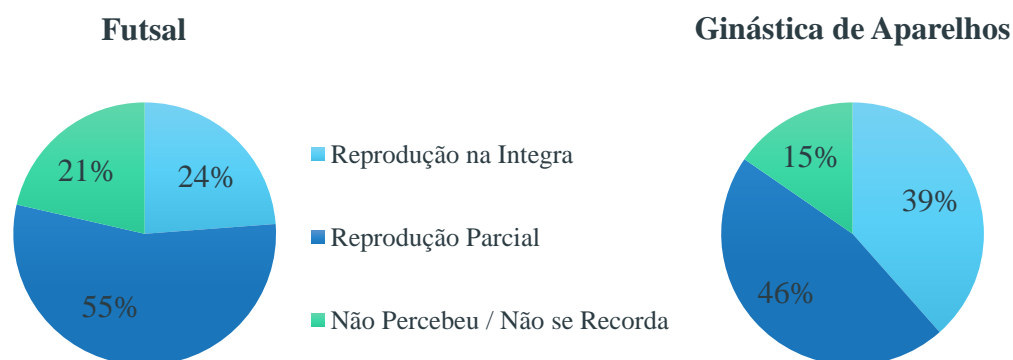
Relativamente aos *feedbacks* com objetivo prescritivo verificámos o inverso do que aconteceu com os *feedbacks* com objetivo descritivo. Os alunos reproduziram com mais fidelidade a informação fornecida pelo conjunto de estruturas mistas, onde o professor fornecia o feedback não só dizendo, mas exemplificando, visualmente, a sua intenção.

4.5.3. Nível de Retenção nas Modalidades Individual e Coletiva



Feedback Descritivo

Feedback Prescritivo



No que diz respeito à diferença entre a retenção do feedback pedagógico na unidade didática de Futsal e na unidade didática de Ginástica de Aparelhos, pudemos constatar que esta foi superior na modalidade individual. Para além do clima da aula influenciar na aquisição destes resultados, pois a unidade didática de Ginástica de

Aparelhos exige um ambiente de maior concentração e seriedade, as estratégias de ensino utilizadas por ambos os professores também contribuíram para os mesmos. As aulas eram lecionadas num circuito de estações, onde os professores se ajustavam consoante o grau de dificuldade de cada elemento de um dos aparelhos gímnicos, fornecendo *feedbacks* particulares a cada estudante, em todas as suas execuções. Por outro lado, na unidade didática de Futsal, onde o clima da aula era mais ruidoso, a percepção da informação fornecida pelos professores era menor. Não obstante, pudemos verificar que, na modalidade coletiva, a presença dos colegas no momento de fornecimento do *feedback* pedagógico, levou à distração de alguns estudantes, influenciando, assim, o esquecimento da informação fornecida.

4.6. LIMITAÇÕES DO ESTUDO E RECOMENDAÇÕES

Ao longo da aplicação desta investigação foram identificadas várias dificuldades, o que traduziram algumas limitações para este estudo, tais como: *i)* a amostra ser reduzida; *ii)* o número de aulas observadas ser reduzido; *iii)* o método de recolha de dados condicionou o registo das ocorrências.

Para evitar que estas limitações aconteçam, apresentamos algumas recomendações para combatê-las: *i)* extensão da amostra a toda a comunidade escolar; *ii)* aumento do número de aulas observadas; *iii)* utilização de dispositivos áudio e vídeo para a recolha da informação, permitindo a recolha precisa das ocorrências.

Apesar de não ter sido possível verificar, achamos pertinente para uma futura abordagem a este tema, a recolha de informação acerca dos motivos pelos quais os estudantes não perceberam o *feedback* fornecido, pois existem vários fatores que podem influenciar essa perda.

4.7. CONCLUSÕES

Após a aplicação do presente estudo reconheceu-se que uma percentagem elevada de informação contida nos *feedbacks* pedagógicos que os professores forneceram durante as aulas desapareceu, asseverando os dados fornecidos por Quina *et al* (1995). Estas perdas de informação foi superior no *feedback* prescritivo do que no *feedback* descritivo. Para além disso, o esquecimento dos *feedbacks* dirigidos pelos

docentes foi menor no conjunto de estruturas descritivas áudio e no conjunto de estruturas prescritivas audiovisuais. Não obstante, a informação reproduzida com mais fidelidade foi superior no conjunto de estruturas descritivas e prescritivas fornecidas na modalidade individual do que na modalidade coletiva.

CONCLUSÃO

Assim finalizada esta etapa da nossa vida acadêmica, resta apenas agradecer pela oportunidade que tivemos em realizar o papel de docente na comunidade escolar.

Desta forma, é importante referir que o papel do professor Diogo Simões foi imprescindível e incansável a todos os níveis. O seu acompanhamento e o seu auxílio no desenvolvimento da nossa intervenção pedagógica permitiu-nos evoluir diariamente, combatendo as dificuldades às quais somos defrontados.

Por outro lado, o professor Pedro Fonseca, supervisor pedagógico universitário, apesar de ter efetuado um acompanhamento distante, dirigiu-se ao Colégio sempre que lhe foi possível de modo a prestar o seu apoio, analisando a nossa prática pedagógica, esclarecendo as nossas dúvidas e criando novos desafios.

Consideramos que ensinar é muito mais do que saber. Mesmo executando o papel de docente, um professor, no seu quotidiano escolar e com as suas experiências, encontra-se em constante aquisição de conhecimentos.

Relativamente à elaboração do relatório de estágio, podemos concluir que este permitiu, acima de tudo, analisar e refletir sobre o nosso processo de intervenção, desenvolvido neste EP, e todas as opções tomadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bento, J. (2003). Planeamento e Avaliação em Educação Física. Livros Horizonte, Lisboa, Portugal.

Carvalho, L. (1994). Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. In Boletim SPEF nº 11. Lisboa.

Nieto, S. (1999). The Light in their Eyes: Creating Multicultural Learning Communities. New York: Teachers College Press.

Piéron, M. (1996). Para uma Ensenanza eficaz de las actividades Físicodesportivas. Inde. Barcelona.

Ribeiro, L.(1999). Avaliação da Aprendizagem. Lisboa: Texto Editora.

Rosado, A. & Mesquita, I. (2009) Pedagogia do Desporto: Melhorar a aprendizagem otimizando a instrução. Lisboa: Ed. FMH, 69-130.

Sarmiento, P. (2004). Pedagogia do desporto e observação. Cruz Quebrada, Lisboa: Edições FMH.

Sarmiento, P., Veiga, A., Rosado, A., Rodrigues, J., Ferreira, V. (1998). Pedagogia do Desporto. Instrumentos de Observação Sistemática da Educação Física e Desporto. Lisboa: Edições FMH.

Siedentop, D. (1998). Aprender a ensinar la edicacion física. Barcelona: Inde.

Legislação

Decreto-Lei 240/2001 de 30 de Agosto. Diário da República nº 201 - I Série A. Ministério da Educação. Lisboa.

Outra Documentação

Programa Nacional de Educação Física do Ensino Básico (2001). Ministério da Educação.

Guia das Unidades Didáticas dos 3º e 4º Semestres.

Projeto Educativo do Colégio Salesiano de Mogofores.

ANEXOS

Anexo I – Caracterização da Turma do 7ºB

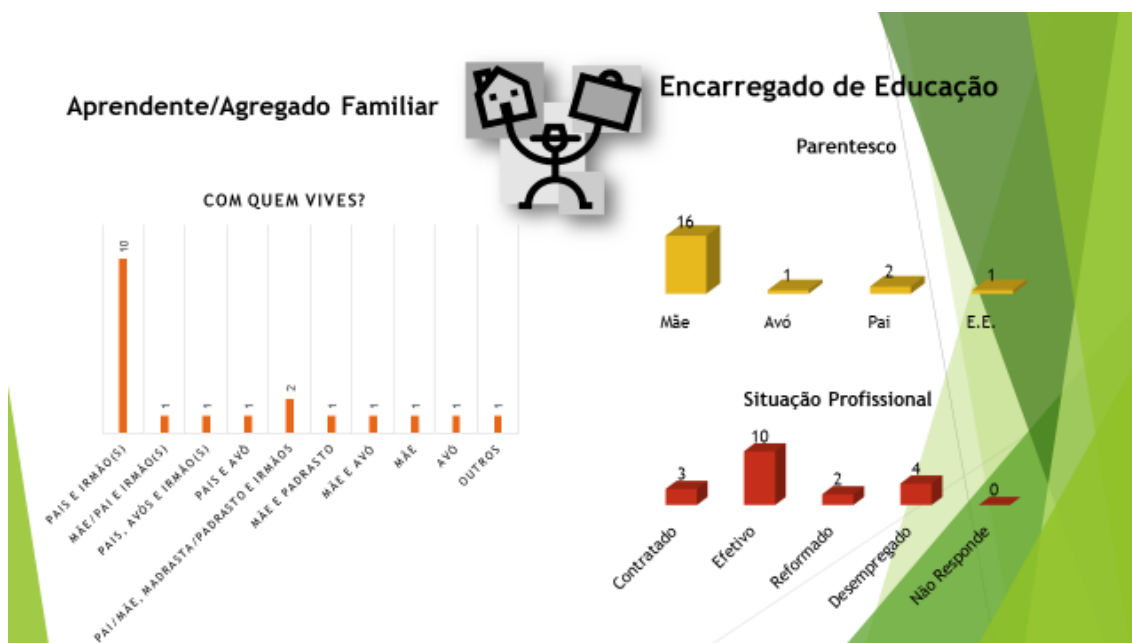
Fundação SALESIANOS

Des da vida ao Sonho

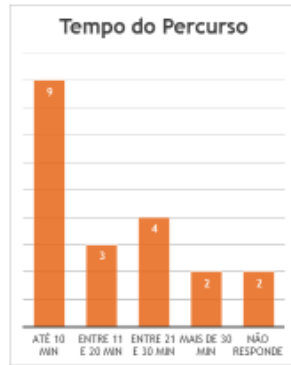
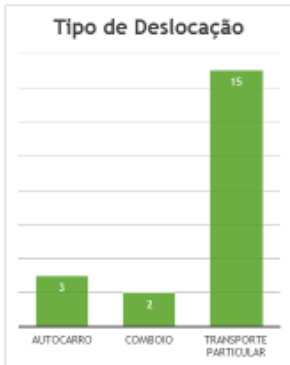
Salesianos de Mogofores - Colégio

Caracterização da Turma - 7ºB

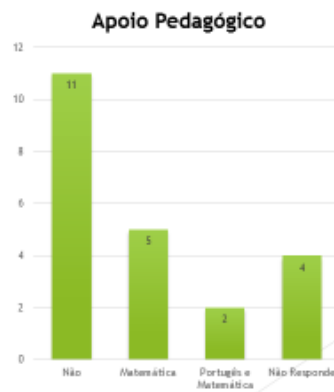
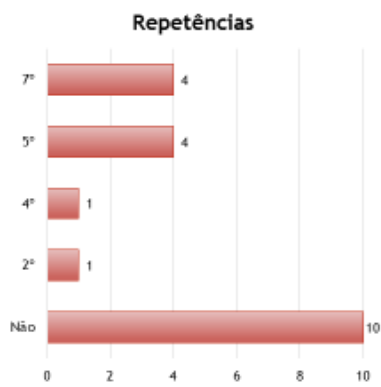
Ana Petra Santos
Núcleo de Estágio de Educação Física
Ano Letivo 2014/2015



Deslocação Casa-Escola

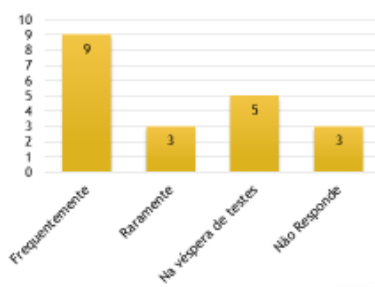


Vida Escolar

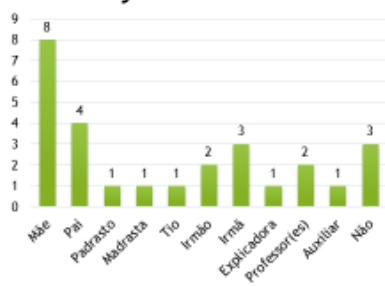




Estudas?



Ajuda no Estudo



Os teus pais costumam...

Acompanhar os teus PIQAS?



Apoiar os teus T15?



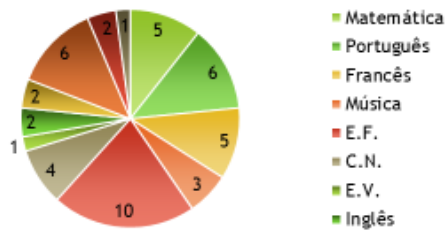
Assinar as tuas fichas de trabalho/avaliação?



Conversar contigo sobre os teus resultados escolares?



Disciplinas que mais gostas?



Disciplinas que sentes mais dificuldades?



- Matemática
- Português
- Francês
- Geografia
- C.N.
- História
- Inglês
- Não Respondeu



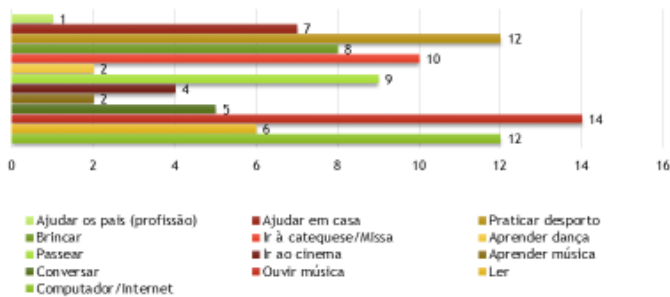
As aulas que mais te agradam são aquelas em que...



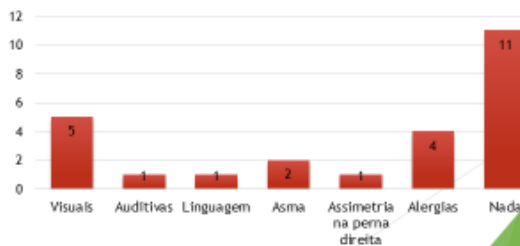
As dificuldades que sentes resultam de...



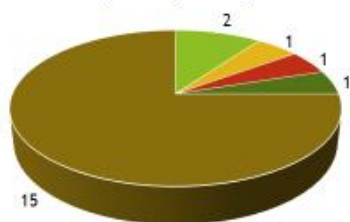
Ocupação dos Tempos Livres



Saúde



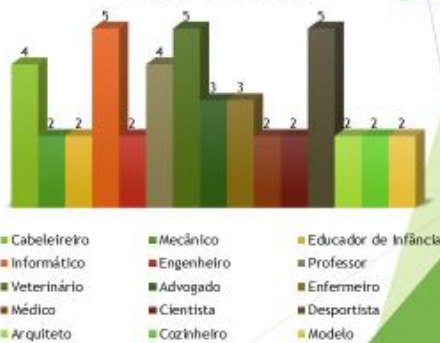
O que te preocupa?



- Nada
- O Futuro
- Relações Interpessoais
- A Crise
- Não Responde



Futuro - Profissões



Anexo II – Exemplo de um Plano de Aula

Plano de Aula

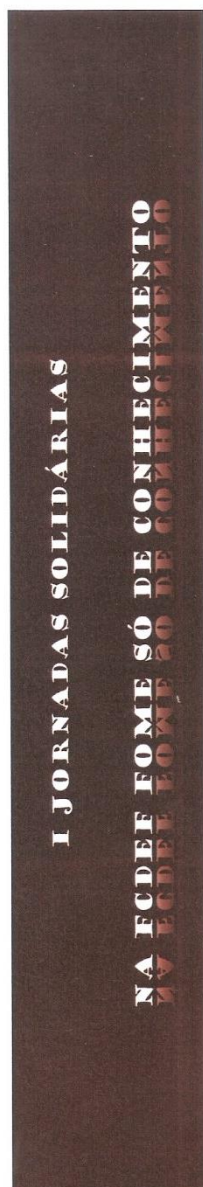
| | | | |
|-----------------------------------|----------------------------|-------------------------|---|
| Aula N° | Data: | Hora: | Turma: 7°B |
| N° Aula U.D.: | Duração: | Período: | Professor Estagiário: Ana Petra Santos |
| N° Total de Aulas da U.D.: | Unidade Didática: | Função Didática: | |
| Local/Espaço: | Recursos Materiais: | | |
| N° de Alunos: 20 | Objetivos da Aula: | | |

| Tempo Real | Tempo Parcial | Tarefa | Organização da Tarefa | Objetivos da Tarefa | Componentes Críticas | Estilos de Ensino |
|--------------------------|---------------|--------|-----------------------|---------------------|----------------------|-------------------|
| Parte Inicial | | | | | | |
| | | | | | | |
| Parte Fundamental | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| Parte Final | | | | | | |
| | | | | | | |

Anexo III – Ficha de Observação de Aula

| | | MB | B | Suf | Insuf | |
|--------------------------------|--|--|---|-----|-------|--|
| Plano de Aula | Coerência com a UD | | | | | |
| | Especificação | | | | | |
| | Correção das estratégias de ensino | | | | | |
| | Clareza | | | | | |
| Instrução | Informação Inicial | - Começa a aula no horário | | | | |
| | | - Explica os objetivos da aula relacionando-os com as tarefas das aulas anteriores e posteriores | | | | |
| | Condução da aula | - Organiza as atividades de modo a observar e controlar a aula em todos os momentos. | | | | |
| | | - Recorre aos alunos para demonstrar, corrigir e transmitir conteúdos, explicando oportunamente a matéria. | | | | |
| | Qualidade dos FB's | - Fornece feedbacks positivos, descritivos/prescritivos e interrogativos correta e oportunamente. | | | | |
| | | - Verifica o resultado pretendido. | | | | |
| Conclusão da aula | - Realiza o balanço da aula da atividade, controlando a aquisição de conteúdos, fazendo ligação à aula seguinte da UD. | | | | | |
| Gestão | Gestão do tempo | - Gere o tempo de aula em relação ao material e constituição dos grupos de acordo no plano de aula. | | | | |
| | Gestão dos espaços | - Organiza corretamente os espaços destinados para a aula. | | | | |
| | Organização /Transição | - Transita de tarefa de forma organizada, eficaz e fluida. | | | | |
| Clima / Disciplina | Controlo | - Intervém de forma correta e sistemática. | | | | |
| | | - Motiva e transmite entusiasmo aos alunos de forma controlada. | | | | |
| | Comunicação | - Comunica de forma audível, clara e acessível. | | | | |
| | | - Utiliza a comunicação não verbal. | | | | |
| Decisões de ajustamento | - Adapta-se às situações imprevistas, concorrendo para o objetivo da aula. | | | | | |
| Observações: | | | | | | |
| | | | | | | |

Anexo IV – Certificado I Jornadas Científico-Pedagógicas de Encerramento do Estágio Pedagógico



Uma ação pró-respeito

Certifica-se que Ara Rita Sereia Santos participou nas I Jornadas (Solidárias) Científico-Pedagógicas de encerramento do Estágio Profissional em Educação Física.

A Coordenação do MEEFEBS

(Prof^a Doutora Elsa Ribeiro da Silva)


Coimbra, 10 abril de 2015

O Diretor da FCDEF-UC

(Prof. Doutor António Figueiredo)



Anexo V – Certificado IV Fórum Internacional das Ciências da Educação Física




Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física
MESTRADO EM ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO

24 Abril 2015

IV FÓRUM INTERNACIONAL DAS CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física no Contexto Europeu: programas, estratégias e formação profissional



Certifica-se que Ana Petra Conveira Santos participou no

IV Fórum Internacional das Ciências da Educação Física.

Coimbra, 24 de Abril de 2015



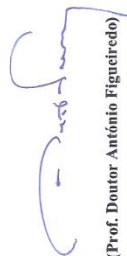
Os Coordenadores do MEEFEBS



(Prof. Doutor Rui Gomes)

(Prof. Doutora Elsa Ribeiro da Silva)

O Diretor da FCDEF-UC



(Prof. Doutor António Figueiredo)

Anexo VI – Ficha de Registo das Ocorrências (Tema-Problema)

| Ficha de Registo das Ocorrências - Feedbacks | | | | | |
|--|------------|-------------|-------|--------------|-------------------|
| Unidade Didática: | Tipo | | Forma | | Nível de Retenção |
| | Descritivo | Prescritivo | Áudio | Áudio Visual | |
| 1 | | | | | |
| 2 | | | | | |
| 3 | | | | | |
| 4 | | | | | |
| 5 | | | | | |
| 6 | | | | | |
| 7 | | | | | |
| 8 | | | | | |
| 9 | | | | | |
| 10 | | | | | |
| 11 | | | | | |
| 12 | | | | | |
| 13 | | | | | |
| 14 | | | | | |
| 15 | | | | | |
| 16 | | | | | |
| 17 | | | | | |
| 18 | | | | | |
| 19 | | | | | |
| 20 | | | | | |